

do país. O erro do Brasil em matéria de colonização teria sido o de ter em vista quase que exclusivamente os seus próprios interesses, considerando de ordem secundária os anseios dos colonos.

Não é difícil prever a onda de protestos que boa parte dessas idéias há de provocar entre os que, de tempos em tempos, se julgam na obrigação de alertar os bons patriotas quanto à ameaça que acreditam pairar sobre a cultura luso-brasileira. E receamos que a indignação que os dominará venha a tirar-lhes a serenidade necessária ao exame dos fatos apontados pelo cientista.

Waibel faleceu antes que lhe fôsse dado completar e rever os originais para a publicação. Vários capítulos se afiguram, por isso, fragmentários, ao passo que em outros o texto não está suficientemente elaborado, apresentando senões, como, por exemplo, a confusão entre amarelão e febre amarela (pág. 76). Isto não impede que se recomende o livro à meditação de quantos se considerem co-responsáveis pelo futuro do Brasil.

*Egon Schaden*

WALTER BECK: *Grundzüge der Sozialpsychologie*. 175 págs. Johann Ambrosius Barth. Munique, 1953.

Walter Beck foi livre-docente da Universidade de Mogúncia e trabalhou por muitos anos no campo da educação popular e nos quadros da organização presidiária. Dedicou-se à prática do psicodiagnóstico, da psicoterapia, da administração do trabalho, do serviço social, da pedagogia social e exerceu o cargo de orientador profissional num departamento regional de trabalho. Assim, passou longos anos em muitos setores práticos da vida social.

A presente obra é a de um homem que encara o ideal do saber como uma combinação sólida entre ciência e prática; ideal que se pode exprimir, talvez, através de fórmulas como “a prática exercitada na escola da ciência” ou “a ciência enriquecida pela prática”. De que maneira a ciência, permanecendo embora autônoma, pode adotar em sua forma secreta, graças aos contactos práticos do cientista com a realidade, uma orientação até certo ponto pragmática — eis a questão crítica com que o comentarista, apoiado na própria natureza do assunto, pôde abordar, adequadamente, semelhante produto espiritual.

A concepção fundamental do autor é a “hipótese da polaridade social-individual” como peculiaridade estrutural da alma humana. Esta não existe apenas em si e por si, nem tampouco se reduz a um “sample”, fragmento ou elemento homogêneo de um coletivo psíquico. O que ocorre é que, segundo o princípio da polaridade social e individual, “tanto a individualidade como a socialidade se encontram fundamentadas, congênitamente, na alma individual, não como meros aspectos ou partes, mas como *polos* que determinam a estrutura psíquica e dentro de cujo campo energético se realiza a vida psíquica” (pág. 6). Embora coloque liberalmente essa hipótese em competição com outras possíveis, o autor não consegue desfazer a impressão apodíctica que ela causa.

Contudo, essa concepção de utilização simples se revela recurso eficiente na organização do material empírico, inclusive com relação aos problemas mais complexos da realidade psico-social. E Beck apresenta também explicações satisfatórias para os casos em que falha um dos polos (o individual ou o social) (págs. 125-126). A perspectiva básica lhe serve para aperfeiçoar o aparelhamento apriorístico da ciência, elu-

cidando, de modo surpreendente, certos fenômenos patológicos da vida psíquica humana na cultura moderna, como, por exemplo, o da solidão e o da agitação ou superatividade social. A comunidade não é idêntica à coletividade, tampouco a solidão se identifica com o isolamento. “Enquanto o solitário está consigo mesmo com todo o conteúdo da socialidade plenamente realizado, na tranqüilidade feliz ou dolorosa ou na rebelião da alma, o que apenas está sozinho, vive à margem ou no vácuo ou no nada. Podemos também ser tomados pela agitação social, o que hoje acontece em grau excessivo; no entanto, a comunhão autêntica dos seres humanos é uma sintonia harmônica, quer polífona, quer contrapôntica, ao passo que o homem entregue ao mero agir torna-se um agitado, fugindo de si mesmo como da comunidade, e terminando, por fim, como um dos que se agitam à margem ou no vazio ou no nada. O estar só ou a superatividade social são, portanto, perturbações ou atrofias do campo energético social-individual dentro de nós” (págs. 104-105).

O traço pragmático, que marca a discussão de questões puramente teóricas, revela-se também na apresentação da matéria, já que a obra se destina igualmente a profissionais dedicados à vida prática. O autor compreendeu a necessidade de apresentar o palpável. Os temas concretos da Psicologia Social: nascimento, língua, espaços e coisas, escola, doença, maturação e imitação, são estudados sobretudo na primeira parte. Com freqüência, a análise puramente científica cede o lugar a considerações normativas, como pontos de partida para proposições terapêuticas e técnico-sociais. Isso ocorre particularmente nos capítulos sobre a Psicologia da Adolescência, em que o autor combate a ignorância de certas práticas pedagógicas com propostas baseadas em profundas intuições (v. o cap. VI: “Crianças abandonam o lar”, pág. 41). Os capítulos seguintes, sobre “teoria” e “método” da Psicologia Social, embora mais sumários, não deixam de ressaltar, por sua vez, a relação com problemas práticos.

Pode-se caracterizar a obra como esforço de aproveitar as vantagens de uma posição marginal entre a teoria e a prática. Tal forma de saber é de grande significação na vida atual: a sociedade moderna já não pode prescindir dos resultados da ciência e esta encontra na aplicação prática uma legitimação suplementar que não seria justo desprezar.

*E. A. von Buggenhagen*

ERRATA. — No artigo *A evolução humana*, de Theodosius Dobzhansky, publicado no número anterior, onde está “cinco e meio milhões de anos” leia-se “cinco e meio bilhões de anos” (pág. 97, 14a. linha do texto).